



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Da peça didática à aventura fantasiosa

Figueiredo Pimentel escreveu vários textos para crianças, boa parte dos quais em parceria com Coelho Neto. Uma significativa seleção destes textos se encontra em *Teatrinho infantil*, que a Editora Quaresma, do Rio de Janeiro, editou em 1959. Chama a atenção a quantidade de textos que aí encontramos, com títulos do tipo *Amor de mãe*, *Os meus parentes* ou *Mentiroso e preguiçoso*. De modo geral, são textos curtos, com cerca de dez páginas, constituídos de cenas breves, com nítida preocupação didática: são situações do cotidiano em que se discutem comportamentos ideais e valores a serem respeitados por parte das crianças.

Carlos de Góis, que lhe vem logo depois, igualmente evidencia tais preocupações. Basta ler o volume *Theatro cívico escolar* (Tipografia São José, Belo Horizonte, 1925), cujos títulos refletem com fidelidade as preocupações do autor: *Ensinar a ler*, peça de propaganda contra o analfabetismo, ou *13 de maio*, peça retrospectiva da Abolição, e assim por diante.

O volume intitulado *Teatro das crianças* (Paulo de Azevedo & Comp. Ltda., 1950), de que tenho a sexta edição (!!!), já traz textos mais livres desta carga educacional, ora recriando histórias tradicionais, ora trabalhando cenas cotidianas, como *Branca de Neve*, que é uma opereta, ou *A dona de casa*, comédia em um único ato, em que encontramos, simultaneamente, uma perspectiva conservadora, a da função feminina enquanto dona de casa, com a referência a que, nos países europeus, já existem escolas domésticas, para o treinamento das meninas e jovens para tais tarefas. É neste contexto, que não se modificou nas primeiras décadas do século XX, que aparece Lúcia Benedetti, paulistana de 1914 (início da primeira Grande Guerra), que vem a se casar com o jornalista e pesquisador Raimundo Magalhães Jr. Em 1942, eles são obrigados a deixar o Brasil por perseguições do Estado Novo, indo trabalhar nos EUA, de onde regressam ao final da guerra (e da queda de Getúlio Vargas), em 1945.

Lúcia, que nestes anos havia trabalhado como jornalista, assim como o marido, começa a escrever ficção e inclusive textos dramáticos para crianças. Em 1948, surge *O casaco encantado*, cujo texto é entregue

a Henriette Morineau, da Cia. Artistas Unidos. O espetáculo será dirigido por Graça Mello e, dentre seus intérpretes, contará com a estreia de Marília Pêra. O enredo é fantasioso: um rei tem um alfaiate em quem deposita absoluta confiança e, graças a isso, será salvo de um complô político. A obra rende o Prêmio de Teatro Infantil da Prefeitura do Distrito Federal (Rio de Janeiro, entenda-se), em 1954, e o Prêmio Arthur Azevedo, da Academia Brasileira de Letras. Seguir-se-iam a este texto outros dois trabalhos: *A menina das nuvens*, libreto para uma opereta que seria musicada por Heitor Villa Lobos, aliás, sua última obra, estreando em 29 de novembro de 1960 (embora escrita bem antes); e *Joãozinho anda prá trás* (1952) que aborda a história de um reizinho que só sabe caminhar para trás, até que um dia, para escapar a uma tentativa de derrubá-lo, ele resolve andar para a frente.

Lúcia Benedetti, como Raimundo Magalhães, era militante partidária. Não surpreende que seus textos falassem, indiretamente, da experiência traumática da ditadura getulista. Mas o importante é que Benedetti não fazia discursos, mas colocava a personagem - sempre crianças vivendo papéis de adultos - em situação de assumir responsabilidades e tomar decisões, valorizando a autonomia infantil.

A dramaturgia de Lúcia Benedetti pode estar aparentemente esquecida, mas ainda em 2021 a Editora José Olympio voltou a editar *O casaco encantado*, peça que foi, igualmente, remontada pela casa Laura Alvim, do Rio de Janeiro, em 1997, além da remontagem da opereta de Villa Lobos, pelo Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1960 e, mais recentemente, em 2009, pelo Palácio das Artes, de Belo Horizonte.

A grande revolução de Lúcia Benedetti foi valorizar o universo infantil, dando-lhe autonomia e personalidade, explorando a fantasia e permitindo que os enredos se desenvolvessem com liberdade, levando o leitor e o espectador a simplesmente se divertirem através de aventuras possíveis, em uma simbiose recompensadora entre o sonho e a realidade. Em síntese, Lúcia Benedetti ainda pode - e eu diria, deve - ser levada a nossos palcos para o divertimento da gurizada.



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Derrota

Desaparecimento, certamente, é uma palavra difícil de aceitar. Mas nos parece a mais acertada ao ser confirmada o fechamento, ao que tudo indica definitivo, do Victória, uma sala de exibição que durante décadas foi uma das melhores e mais bem cuidadas da cidade. O cinema foi palco de acontecimentos que não deveriam ser esquecidos. Um deles, justamente o que de certa forma desmente certas lembranças de um passado cultural marcado por algum nível, é aquele relacionado ao lançamento de *Cidadão Kane*, o clássico de Orson Welles, realizado em 1940 e habitual frequentador de listas dos melhores de todos os tempos. Após suas primeiras exibições, numa segunda-feira, como era hábito na época, a gerência do cinema, diz a lenda, depositou a cópia na calçada e telefonou à distribuidora que a recolhesse, pois tal lixo não deveria continuar sendo exibido. Tal história era narrada por funcionários de diversas distribuidoras muitos anos depois, pois faz parte do folclore cinematográfico de Porto Alegre. Mas o que ficou registrado é que o filme permaneceu apenas um dia em cartaz. Uma testemunha narrou que a obra na primeira exibição foi exibida sob vaías. Outro fato revelador sobre como o cinema era visto na época por certos círculos ocorreu em junho de 1951, quando da exibição de *O casamento de Chifon*, de Claude Autant-Lara, então um dos nomes mais prestigiados do cinema francês. O filme, ambientado na primeira década do século passado, tinha aviadores como protagonistas. E, como não fazia menção a Santos Dumont, deixou indignados alguns espectadores ligados à aviação, que pediram sua proibição em carta a jornais. Foram prontamente atendidos pelos responsáveis pelo cinema, que retiraram o filme de cartaz, inclusive manifestando orgulho por tal atitude, algo que expõe com clareza a mentalidade vigente naquele período específico.

Mas o cinema que agora encerra suas atividades não foi marcado apenas por histórias comprometedoras. Com o nome de Vera Cruz, ele foi inaugurado

em 4 de setembro de 1940, com as exibições de *A mulher faz o homem* (Mr. Smith Goes to Washington), de Frank Capra. Devido a problemas sobre sua propriedade esteve fechado durante algum tempo e voltou a funcionar, com nome de Victória, em 12 de setembro de 1953, com as exibições de *A dupla do barulho*, realizado por Carlos Manga e tendo nos principais papéis Grande Otelo e Oscarito. Antes, quando ainda se chamava Vera Cruz, o cinema lançou aqui o filme *Moleque Tião*, realizado em 1943 por José Carlos Burle, tendo Grande Otelo como protagonista. Este filme, tido como um pioneiro pela abordagem de problemas sociais, não pode mais ser visto, pois o negativo e todas as cópias foram perdidas. Na fase iniciada em 1953, o Victória exibiu alguns filmes hoje clássicos, como *Rastros de ódio*, que o grande John Ford realizou em 1956. O filme *Vertigo*, de Alfred Hitchcock, outro dos grandes momentos da arte cinematográfica, também chegou aqui na tela do Victória. Em dezembro de 1975, contrariando uma tradição de não lançar filmes importantes nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro - e de certa forma inaugurando uma nova fase - o cinema lançou *Tubarão*, de Steven Spielberg, obtendo grande êxito nas bilheteiras.

O declínio começou com um novo fechamento em 1998. A reabertura, em 14 de maio de 1999, divido em duas salas, durou poucos anos e, quando uma das salas reabriu, em 20 de julho do ano passado, a programação, que nada tinha a ver com o nome cult então utilizado, não encontrou público interessado, até porque nenhum título exibido merecia ser chamado daquela forma. Um erro, claro, mas não o único responsável pelo fracasso da iniciativa. O equívoco, que evidencia o desconhecimento das tendências atuais, se juntou à decadência de uma região da cidade que perdeu, por motivos amplamente conhecidos sua capacidade de atrair público. - A referência ao acontecido com o filme *O casamento de Chifon* foi feita graças ao arquivo do saudoso Ary Neves Mendonça, um dos nomes mais importantes na história do Clube de Cinema de Porto Alegre.